

Abstract: *The purpose of this paper is to show the process of passing by from oral to silent reading. In order to do this, we will take into account social, philosophical and historical aspects which are responsible for that process. As pedagogic practices used in our schools nowadays, oral and silent reading are heritage from humanist tradition, coming from classical and medieval reading.*

Keywords: *oral reading, silent reading, history of reading.*

ALFABETIZAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS NA ABORDAGEM DA PEDAGOGIA DO TEXTO

*Elida Maria Fiorot Costalonga**

“Vivemos num mundo cheio de miséria e ignorância. O dever evidente de cada um de nós é tentar tornar o pequeno canto em que se vive em algo um pouco menos miserável e menos atrasado do que antes de nossa chegada.”

(Aldous Huxley)

Resumo: *Esta reflexão é fruto do trabalho teórico e prático que vimos desenvolvendo com alfabetizadores de escolas públicas e particulares do nosso e de outros estados. Nossa experiência profissional, desde a década de 70, como professora, pedagoga e pesquisadora da área, nos tem revelado que as práticas tradicionais de alfabetizar através de cartilhas silábicas e atividades semelhantes precisam ser superadas, com urgência, porque contribuem para a produção de lentidão na aprendizagem da leitura e escrita, atrasam o processo de desenvolvimento dos alunos, e, o que mais grave, caminham na contramão da formação do leitor crítico.*

* Mestre em Educação – UFES
Professora e Coordenadora do Curso de Pós-graduação FACHA – Faculdade de Ciências Humanas – Aracruz (ES)
Professora de Prática de Ensino da Faculdade Novo Milênio – Vila Velha – ES

A nossa contribuição nessa discussão é no sentido de argumentar em defesa de uma proposta de alfabetização a partir de textos que abordem problemáticas da área de Ciências Sociais e que podem tratar de História, Geografia, Antropologia, Filosofia, Ecologia, Sociologia, Economia, Política, etc.

Além dessa proposta de Alfabetização, defendemos que a formação do aluno-leitor exige um professor-leitor. A formação desse profissional deveria dar-se em redes participativas, instituídas a partir de ambientes de estudos, de trabalho e de aprendizagem colaborativos e interativos. Ressaltamos que essa é uma exigência sócio-educacional que os gerenciadores das políticas e dos recursos públicos precisam contemplar nos seus programas municipais, estaduais e federais.

Palavras-chave: Ciências Sociais; alfabetização; pedagogia do texto; formação em rede; professor e aluno-leitor

Introdução

Esta proposta de trabalho nasceu a partir de um processo de reflexão crítica que vimos fazendo durante a nossa experiência teórica e prática com alfabetizadores de escolas públicas e particulares do nosso e de outros estados. Nossa experiência profissional, desde a década de 70, como professora, pedagoga e pesquisadora da área, nos tem revelado que as práticas tradicionais de alfabetizar através de cartilhas silábicas e atividades semelhantes precisam ser superadas, com urgência, porque contribuem enormemente para a tão preocupante produção de *lentidão na aprendizagem* da leitura e escrita, atrasam o processo de desenvolvimento dos alunos, e, o que mais grave, caminham na contramão da formação do leitor crítico.

A nossa contribuição nessa discussão é no sentido de argumentar em defesa de uma proposta de alfabetização a partir de textos que abordem problemáticas da área de Ciências Sociais e que podem tratar de História, Geografia, Antropologia, Filosofia, Ecologia, Sociologia, Economia, Política, etc.

Parte I

É verdade que a humanidade vem produzindo tecnologias de ponta que têm aproximado o local, o nacional e o mundial. Entretanto, o Brasil ainda não conseguiu cumprir sua tarefa política de universalização do Ensino Fundamental com qualidade, restringindo dessa forma a possibilidade de participação de vários segmentos da sociedade brasileira no espaço local e mundial do conhecimento, da informação, da tecnologia e da ciência.

O Brasil, segundo a Constituição de 88 já deveria ter erradicado o analfabetismo. No entanto, os dados do estudo feito pelo IBGE a partir das informações coletadas pela PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) referente a década de 90 revelam:

DADOS SOBRE ANALFABETISMO:

- 79 % é a taxa de analfabetismo funcional (menos de 04 anos de estudo e não conseguem atribuir sentido a um pequeno texto, têm dificuldade de escrever e fazer cálculos básicos) entre homens na área rural do Piauí.
- 14,4 % é a taxa de analfabetismo funcional entre as mulheres na área urbana do Distrito Federal.
- 50,3 % é a taxa de escolarização de crianças de 04 a 06 anos de idade de famílias com renda per capita até meio salário mínimo. Entre o grupo dos 20 % mais rico, nove em cada dez crianças entre 04 e 06 anos está na escola. No grupo dos 20 % mais pobre, apenas cinco em cada dez. Segundo pesquisa do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) "crianças que têm acesso ao pré-escolar têm menor defasagem, maior escolaridade e menor desemprego" (Folha de São Paulo, 05 de abril de 2001).

A Escola e a Família são os espaços micropolíticos onde a leitura deveria se desenvolver cotidianamente. Porém, considerando que "04 milhões das famílias brasileiras com filhos de até 06 anos vivem com meio salário mínimo" (IBGE – dados da década de 90 Folha de São Paulo, 05 de abril de 2001), mediante esta perversa realidade, concluímos que é na escola o lugar onde esta aprendizagem precisa ser garantida.

Não há como exigir desses pais, incentivo à *boa* leitura de seus filhos (!?) Ensinar como se lê e como se deve escrever em determinada situação social, conti-

nua sendo a maior responsabilidade da escola, ainda hoje, era da computação e da tecnologia!

Este texto pretende ser *um grito de alerta* dentro da escola que, sob a pretensão de uma pseudo modernização pode esquecer-se de sua missão primordial – **ensinar a ler, escrever e pensar.**

Por que integrar alfabetização e Ciências Sociais?

Defendemos uma abordagem interdisciplinar da alfabetização, mediada pela Pedagogia do Texto, porque entendemos que os aprendizes, ao mesmo tempo que aprendem a ler e escrever, podem informar-se e se formar, construir e reconstruir conhecimentos, conceitos e representações. Além disso, um processo de alfabetização articulado à Ciências Sociais, poderá permitir aos alunos (e também ao professor!), ampliação de suas visões de mundo e engajamento num processo simultâneo de auto-conhecimento e de inserção crítica e criativa nas realidades educacional e social das quais fazem parte.

Faundez, (Julho, 1999) defendendo a Pedagogia do Texto, diz:

“a maior parte dos conhecimentos (ciências, crenças, emoções, etc.) se exprimem e se comunicam por meio de textos orais e/ou escritos. Para poder se apropriar desses conhecimentos, o ser humano necessita dominar uma infinidade de gêneros de textos, sem os quais ele será confrontado a obstáculos seja na aprendizagem seja no ensino de tais conhecimentos”.

Por essa razão, quando defendemos a importância de alfabetizar a partir de textos de Ciências Sociais, apontamos igualmente, a necessidade dos cursos de formação de alfabetizadores garantirem aos mestres-aprendizes o desenvolvimento das competências necessárias à compreensão e domínio dos diferentes gêneros textuais.

Dessa forma, sendo a leitura, meio e fim de conhecimento, torna-se também para professores e aprendizes, possibilidade de auto-descoberta, na medida em que todos podem, através deste processo, se descobrir como sujeitos do processo sócio-histórico de alfabetização e de vida.

O processo de aprender a ler e escrever não se desenvolve *espontaneamente*, só pelo fato do “sujeito interagir com a escrita” dentro de um *ambiente alfabetizador*, como supõem algumas escolas.

Ensinar como se lê, bem como ensinar como se escreve, exige do professor domínio de conhecimentos específicos tais como: estrutura e funcionamento da Língua em determinada sociedade, alfabetização nos diferentes gêneros textuais, os quais, para serem compreendidos precisam ser estudados no contexto do Discurso Social. Esses e outros conhecimentos específicos da área, embora não citados aqui, neste momento, articulados a uma formação profissional “genérica” sobre educação, sobre processo ensino-aprendizagem, são indispensáveis para que o professor desenvolva um ensino de leitura e escrita de boa qualidade. O que equivale dizer que, o processo ensino-aprendizagem da leitura e escrita, pressupõe formação e informação, esforço intelectual, método, disciplina/auto-disciplina, desejo, tanto por parte de quem se propõe a ensinar, como por parte do aprendiz.

Esta proposta pedagógica que pode ser desenvolvida desde a Educação Infantil à 4ª série do Ensino Fundamental pressupõe uma revisão conceitual e metodológica da prática de alfabetização e tem em vista dois objetivos:

- Superar o *modelo alfabetização* que separa o ensino da leitura, da leitura efetiva. Ou seja, numa abordagem tradicional¹, a criança é orientada a primeiramente, “*juntar sílabas e formar palavras*”, e, posteriormente, a “*ler as palavras formadas*”.
- Superar a prática de segmentar: “*o tempo do início da alfabetização*”, do tempo do “*ensino de História, Geografia, Ciências e de Matemática*”. Tal procedimento, desconsidera por inteiro o papel específico destas Ciências no processo geral de desenvolvimento e de aprendizagem infantil, mediante as ricas possibilidades que oferece ao aprendiz de elaboração/reelaboração de conceitos científicos e de desenvolvimento de determinadas funções psíquicas superiores.

Nossas Hipóteses de Trabalho:

- os textos de Ciências Sociais, diferentemente das cartilhas silábicas, são portadores de conceitos, informações, valores e conhecimentos, etc. Através deles, o sujeito, ao mesmo tempo que aprende a ler, pode se apropriar criticamente desses conceitos, conhecimentos, informações, que não são outra coisa senão

¹ Não pretendemos, neste momento, retomar todas as críticas aos métodos tradicionais de alfabetizar, porque isso já tem sido alvo de grandes discussões, sobretudo nas últimas duas décadas e existe amplamente na literatura da área.

facetas da realidade. E, ao refletir sobre essa realidade, da qual é produto mas também produtor, pode descobrir-se como sujeito sócio-histórico.

- a Pedagogia do Texto, diferentemente dos métodos silábicos, permite abordar essa realidade social, tomando-a “a mãos cheias, múltipla como se sabe, ao mesmo tempo matéria de história, de economia, de sociologia ...” (Braudel p.158). Por exemplo, os textos de história podem nos ajudar a “reconstituir, com tempos diferentes e ordem de fatos diferentes, a unidade da vida”. (Ibidem)
- consideramos essencial numa metodologia de ensino de leitura trabalhar com conceitos e não apenas com palavras, sílabas e letras. O que implica trabalhar com os diferentes gêneros textuais como produções sociais, portadoras de sentidos, intenções e objetivos. Conceitos científicos surgem e se formam “*gracias a la colosal tensión de toda la actividade de su próprio pensamiento*” (VUIGOTSKIJ, 1987p. 194). Portanto, muito mais do que habilidades perceptivas motoras, como enfatizam as teorias e práticas tradicionais de alfabetização, é o pensamento da criança que precisa ser desafiado/instigado de modo sistemático e contínuo durante a alfabetização.
- alfabetizar-se, através de textos de Ciências Sociais, poderá tornar-se para o aprendiz numa experiência rica de aprendizagens inéditas e de crescimento intelectual e psico-social, através da possibilidade que essa área de estudos oferece para a formação de conceitos científicos e desenvolvimento de estruturas psíquicas superiores, enquanto processos recíprocos.
- o trabalho com o texto não dispensa o trabalho com palavras e sílabas. Afinal, durante o processo de alfabetização, professor e alunos deverão transitar do nível macro discursivo (o texto e seu contexto social) para o nível micro linguístico e estrutural do texto (palavras, fonemas, sílabas e letras), e vice-versa, de tal forma que seja compreendida a estrutura sintático-semântica dos diferentes gêneros textuais e o seu funcionamento social.
- um processo de alfabetização de qualidade deve *estimular* a compreensão (leitura) e a produção (escrita) de diferentes textos e dos conceitos e intenções que

cada um comporta. “*Uma palavra se torna incompreensível se o sujeito não dispõe do conceito que expressa tal palavra*” (VUIGOTSKIJ, 1987). Donde a necessidade de se ter em desenvolvimento um processo dinâmico de alfabetização que tenha em vista a formação de conceitos e não mera repetição/junção de palavras e sílabas, e letras.

- no que diz respeito à relação entre aprendizagem e desenvolvimento, entendemos como que não há necessidade de *espera de prontidão para começar o ensino da leitura e da escrita*, porque aprender algo contribui para o desenvolvimento infantil, ajuda a criança a alcançar níveis cada vez mais elevados de maturidade cognitiva, afetiva e psicológica. O ensino não precisa limitar-se a ir atrás do desenvolvimento da criança, como uma sombra, mas pode adiantar-se a ele, fazendo-o “*avanzar y provocando en él nuevas formaciones*” (VUIGOTSKIJ, 1987).
- É na medida em que se vive num meio sobre o qual é possível agir, no qual é possível, com os outros, pensar, dizer, discutir, decidir, realizar, avaliar... que são criadas as condições mais favoráveis à aprendizagem. Nesse sentido, a criança aprende melhor a ler e a escrever com a *nossa ajuda*, com a ajuda dos professores, dos colegas, dos pais, irmãos e demais *bons leitores* com os quais possa conviver.
- urge a necessidade de se instaurar estudos cooperativos nos ambientes escolares, superando, desta forma, o individualismo e a competitividade. A aprendizagem da leitura e da escrita, como toda aprendizagem, deve ser realizada em situações reais de cooperação pedagógica e social, para que as aulas (todas!) favoreçam a busca e a produção de sentido dos diferentes gêneros de textos.

Conceitos norteadores do processo de alfabetização (*Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental*)

Os conceitos aqui propostos, na medida do possível, deverão ser trabalhados de modo inter-relacionados de tal forma que os conceitos de tempo, espaço e práxis social estejam presentes em todas as discussões, durante o processo de alfabetização. Assim, ao se estudar as relações entre os sujeitos e os seus grupos primários, por exemplo, a (o) professor(a) deverá planejar estratégias pedagógi-

cas: pesquisas, entrevistas, leituras, etc que possibilitem à turma refletir sobre as mudanças que ocorrem nas relações sociais e culturais, as mudanças nos costumes, nos valores que mudam no tempo e no espaço geo-político, da práxis dos sujeitos.

Conceitos Básicos:

1 - Tempo/Espaço/ Práxis Social

1.2 - O Sujeito e os seus grupos

- a criança e sua família
- criança, sua turma e sua escola
- a criança, sua rua, sua vizinhança e a sua comunidade
- a criança, seu município e demais municípios
- a criança e o seu país
- a criança e o seu continente
- a criança e o mundo natural e social

3 - Sujeito/ Grupo sócio-cultural/ Sociedade

4 - Trabalho / Educação/ Lazer/ Saúde

5 - História/Sociedade/ Natureza/ Cultura

Sugestão de um programa integrado de alfabetização e Ciências Sociais
(Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental)

1) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL/SOCIAL: a partir das relações entre EU e o OUTRO.

- semelhanças e diferenças quanto a: nossas origens biológicas e sócio-culturais: nome e sobrenome, etnia, cor, idade, sexo, cultura, religião, história etc). Nossas relações com os meios: físico, natural e social.
- nossas relações interpessoais aqui e agora: histórias de vida pessoal e da turma em comparação às histórias sócio-culturais de outros sujeitos em outras épocas e locais (país, avós, professores,etc.).

- nossas relações sociais e culturais dentro e fora de nossas comunidades, no presente e no passado.

Como vivemos no nosso bairro, na nossa comunidade? Como vivem as pessoas nas outras comunidades vizinhas e distantes? Como brincam as crianças? O que fazem? Que trabalho realizam? Por quê? Como estudam? Por quê? Como se divertem? Por quê? Como cuidam da saúde e da doença? Por quê? Como é a paisagem natural da minha comunidade? Há na nossa comunidade, condições básicas para a prevenção de nossa saúde física, mental, espiritual e emocional?

2) O CONCEITO DE MUNICÍPIO ARTICULADO AO CONCEITO DE ESTADO E PAÍS: DIFERENTES ESPAÇOS GEOGRÁFICOS E SUAS HISTÓRIAS SÓCIO-POLÍTICAS E ECONÔMICAS:

- a formação da sociedade e da cultura local e nacional: influência do índio, do negro e do europeu no nossa cultura.
- realidade social / realidade natural: modos de vida, trabalho, educação e lazer: possibilidades e limites de expansão pessoal, profissional e social.

Questões temáticas: Quem somos? De onde viemos? Como vivemos? Como nos relacionamos com as pessoas e com os grupos sociais? Como nos relacionamos com a natureza, com a cultura e a sociedade? Quais são nossas semelhanças? Quais são nossas diferenças: sócio-culturais, físicas, psicológicas, afetivas? O que fazemos? Por quê? O que não fazemos? Por quê? Quais são nossas preferências: no brinquedo, no estudo, no trabalho, no dia-a-dia? Quais são nossos direitos e deveres sociais: na família, na rua, na escola? Qual é o nosso compromisso com a ética social? Qual o nosso compromisso com a qualidade de vida? Por que adoecemos? De que recursos dispomos para lidarmos com a doença? De que condições dispomos para termos uma vida saudável? O que temos? O que não temos? O que e como fazer para termos mais qualidade de vida? A escola é importante? Por quê? Para quê serve a escola? Aprender é importante? Por quê? Por quê é importante aprender a ler? Por que é importante aprender a escrever? Por que é importante aprender matemática? Por que é importante estudar Ciências Sociais? Por que estudar?

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta proposta se baseia nos fundamentos da Pedagogia do Texto. A metodologia utilizada para trabalhar os conceitos e conteúdos acima relacionados poderá pautar-se no seguinte roteiro:

- elaboração prévia de questões, por turma, sob a coordenação ativa do professor. Estas questões deverão estar articuladas às problemáticas em estudo e servirão de norte para a definição dos procedimentos pedagógicos necessários à formação de conceitos e às aprendizagens, de acordo com a(s) área(s) de conhecimento em estudo e de modo específico à alfabetização.
- do ponto de vista metodológico, defendemos que *as perguntas* para compreensão do texto devem ser formuladas pelo professor e alunos *antes* da leitura e não *apenas depois*. Acreditamos como Jolibert (1994) que a “formulação prévia de questionamentos”, a partir de indícios ou pistas textuais, identificadas pelo professor e alunos, no contexto do texto poderão favorecer o interesse pela leitura e facilitar a apreensão/construção do sentido, conceitos e idéias.
- Definição das *fontes* onde e como serão buscadas as respostas para as questões previamente elaboradas: leituras, entrevistas, visitas in loco, reflexão e debate, organização de relatórios orais e escritos, organização de esquemas, planejamentos diversos, filmes, documentários, etc.
- A leitura e a escrita deverão ser tratadas como *conhecimentos* e, simultaneamente, *instrumentos* de acesso a vários outros conhecimentos. A leitura e a escrita devem ser trazidas para o interior do processo de alfabetização, desde o início, integrando *o ato de aprender a ler* com o *ato de ler* efetivamente, sem precisar juntar sílabas primeiro para ler depois.

Alguns passos para o ensino de leitura e produção de textos no processo de alfabetização:

- 1- seleção de bons modelos de diferentes tipos de textos: resumos de temas e ou assuntos, poemas, anúncios, contos, relatórios, textos informativos, textos descritivos, textos argumentativos e outros.
- 2- organização de um programa de ensino de leitura e escrita, contemplando esta diversidade de gêneros textuais, adequando-os às questões temáticas da área

de Ciências Sociais, previamente definidas, a partir de um processo de discussão junto aos alunos.

- 3- definição do tipo de texto que será trabalhado em cada momento, durante o mês e/ou o bimestre de cada ano letivo, de acordo com o tema em estudo e os objetivos do processo de alfabetização em desenvolvimento.
- 4- de posse de determinado modelo de texto, a partir deste, o professor coordenará junto à turma, um processo de leitura e compreensão, buscando explorar no texto os elementos micro e macro estruturais produtores de sentido.
- 5- elaboração de um texto (coletivo ou) de modo individual sobre o assunto em discussão. Esta primeira produção deverá ser feita no *rascunho*. Previamente, as crianças deverão ser orientadas sobre a importância do uso do rascunho para o *processo de produção textual*.

É preciso que alunos e professores tomem consciência de que *escrever bem* é um trabalho rigoroso, por vezes longo, e que envolve várias etapas de escrita/leitura/reflexão/reescrita/releitura. Para que este trabalho transcorra com qualidade, várias providências precisam ser tomadas. Algumas, antecipadamente, como é o caso do planejamento das aulas e o preparo dos materiais. Outra, diz respeito a sala de aula que precisa *desfazer-se das fileiras* e ser organizada de tal forma que *os alunos fiquem próximo de seus pares*, com quem possam conversar sobre os seus textos, trocar idéias e se ajudar mutuamente.

Enquanto isso o professor circula atento entre as crianças, acompanhando-as no árduo trabalho de escrita, reafirmando os seus êxitos e indicando com clareza, onde se encontram as inadequações e/ou erros a serem revistos e superados. Cada criança precisa saber onde está em suas aprendizagens, ter referências claras sobre seus progressos e as aquisições que lhe resta consolidar...O professor, por seu turno,, tem necessidade de saber onde está cada criança, avaliando o que ela já sabe e o que ela ainda precisa aprender para que possa dar um salto qualitativo no seu desenvolvimento psicológico, cognitivo e escolar.

- 6 - Durante o trabalho com o rascunho do texto em produção, as crianças e seus pares, com a ajuda do professor poderão confrontar os seus proto-textos com

alguns **bons modelos**, do mesmo gênero, e que foram selecionados previamente com a finalidade de:

- ajudar as crianças na compreensão das diferentes formas estruturais dos diversos gêneros textuais, o que equivale compreender/ensinar o funcionamento social dos textos e da língua.
- favorecer o entendimento de que diferentes gêneros textuais desempenham diferentes funções na sociedade. Assim sendo, *os objetivos e as intenções* de uma poesia são diferentes dos objetivos e das intenções de um anúncio, que por sua vez, são diferentes de um conto...
- discutir sobre os parâmetros da situação social de produção: produtor, destinatário, objetivo, intenção, contexto de produção: status do produtor e o (s) seu (s) destinatário (s), o que equivale a um diálogo consigo mesmo enquanto escreve e decide sobre como elaborar o seu dizer social. Ou seja, a quem eu escrevo? Com que objetivo? Qual é a minha intenção? (Informar? Esclarecer algo? Divertir? Conceituar? Argumentar, etc) O que e como eu devo dizer?

PARTE II

A formação do professor-leitor:

A formação do professor, sobretudo do *primário*, está em crise. No nosso entendimento, múltiplos são os fatores que concorrem para essa situação. Dentre eles, parece-nos que o descaso das políticas públicas com a educação de um modo geral tem afetado também os Cursos de Magistério, contribuindo para que estes se tornassem progressivamente ineficazes para dar à sociedade respostas às suas exigências educativas, no nível da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Numa cultura que cresce em rede de conhecimentos e de relações em escala global, numa mídia em que as verdades e mentiras se entrecruzam, o discernimento de conhecimentos e valores exige a emergência de novos atores sociais nesse palco social a ser reconstruído. É a partir desta perspectiva que o professor e sua formação precisam ser repensados, de forma a instituir um novo mestre que compreenda que os conhecimentos não podem ser simplesmente copiados e repetidos, mas que ensinar, aprender, trabalhar e estudar devem ser processos interligados. Com certeza, essa perspectiva de formação profissional aponta para am-

bientes de estudos, de trabalho e de aprendizagem colaborativos e interativos. Há que se criar nas redes de ensino uma Política de Formação de professores e alunos leitores. Essa é uma exigência sócio-educacional que os gerenciadores das políticas e dos recursos públicos precisam contemplar nos seus programas.

No sentido de garantir uma discussão articulada da proposta de alfabetização acima sugerimos uma tentativa de aproximação entre o Curso de Pedagogia, a Escola Normal e as unidades escolares que oferecem estágio no do Ensino Fundamental. Para tanto, propomos organização conjunta de Projetos de Ensino e Pesquisa, Seminários, Oficinas Pedagógicas, visitas mútuas planejadas, desenvolvimento de Experiências Pedagógicas inovadoras, etc., de tal forma que se crie, por região micropolítica, redes de formação participativa, formação mútua (Nóvoa, 1995), na qual professores e alunos-mestres são desafiados a desempenhar, simultaneamente, o papel de formandos e formadores. No interior desse movimento, a escola, poderá transformar-se num ambiente educativo, onde formar-se, trabalhar e estudar não sejam atividades distintas, mas integradas. Todo esforço intelectual, pedagógico e administrativo deverá ser empreendido para articular teoria e prática como dimensões integradas da formação e da prática docente.

Nessa perspectiva, sugerimos a criação de uma rede de intercâmbios, teóricos e práticos, envolvendo as escolas de Ensino Fundamental, Ensino Médio (Curso Normal). Institutos de Ensino Normal Superior e as Universidades. O que se pretende com essa rede de intercâmbios é o desenvolvimento de uma Política Estadual de Formação Docente que vise o desenvolvimento profissional do professor integrando formação, trabalho e pesquisa, com continuidade pós-formatura.

Acreditamos, como Nóvoa (1995), que essas práticas coletivas de formação, dando-se em redes inter-escolas e inter Agências de Formação Profissional, poderão contribuir enormemente para a emancipação profissional do docente, assim como para a consolidação de uma profissão que de forma progressiva se encaminhe na produção de novos valores e novas concepções que poderão originar uma nova cultura educacional.

Desta forma, a formação profissional do professor deverá passar pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de estudo, pesquisa e trabalho. A formação deverá então passar por processos de investigação diretamente articulados com as práticas educativas.

Alguns princípios básicos para os programas de formação do professor alfabetizador:

- a prática pedagógica, no processo de formação, deve ser objeto de estudo, contexto de aplicação e investigação;
- os (as) alunos (as) devem refletir criticamente sobre os seus próprios processos de aprendizagem como possibilidade de abertura para compreensão dos processos de aprendizagem dos seus futuros alunos;
- todos os trabalhos pedagógicos devem contribuir para a melhoria da aprendizagem da leitura e escrita, de alunos e professores;
- a prática pedagógica e a reflexão teórica devem estar no centro de todo o processo de formação e não apenas no final; a prática deve ser um esforço permanente de criatividade e inovação;
- a prática deve servir para o aluno-mestre desenvolver sua capacidade de agir com inteligência em situações novas, complexas e divergentes;
- A formação do professor deverá observar o compromisso com os princípios de liberdade de expressão, de autonomia intelectual e moral, de estética da sensibilidade, bem como o princípio da convivência democrática;
- O processo de formação deve favorecer o desenvolvimento da capacidade do professor articular a realidade da escola com a realidade do mundo produtivo do trabalho e da prática social.

Defendemos ainda que, um processo de formação docente à altura das exigências educacionais e sociais impostas pelo presente e apontadas para o futuro, precisa contemplar como aspectos da dimensão humana e social a serem desenvolvidos:

- Disciplina e organização
- autonomia individual para resolver problemas, sugerir soluções e apresentar novas propostas;
- uma mente criativa, aberta à mudanças e críticas;
- iniciativa, capacidade de inovar;
- respeito às visões, aos valores e as tradições de outros indivíduos e grupos;
- curiosidade para aprender;
- independência para agir e pensar;

- capacidade para trabalhar em grupo / ter facilidade de relacionamento interpessoal;
- ética profissional;
- aspiração ao crescimento profissional e dedicação para ser um aprendiz permanente;
- atenção às novidades tecnológicas e científicas;

A nova riqueza das nações repousa atualmente sobre a informação, o conhecimento, a pesquisa, a capacidade de inovação, *as inteligências...* **Informação, informação, informação** – essa é a necessidade imperativa no jogo dos ambientes de trabalho, de estudo e lazer, i.é, em todas as dimensões da vida cotidiana. A informação muda a natureza da competição porque indivíduos e grupos *interessados* não podem se beneficiar da ignorância do Outro.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Ed. Perspectiva, 1969/1972. *Boletim Informativo da ABL*. n. 4, 1998; n. 5 e 6, 1999.
- FAUNDEZ, Antonio. A pedagogia do texto em algumas palavras. In: *Intercâmbios*. Informativo semestral do Instituto para o Desenvolvimento e Educação de Adultos – IDEA – n. 12, julho de 1999.
- JOLIBERT, Josette e colaboradores. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MUGRABI, Edivanda. A pedagogia do texto e suas implicações epistemológicas. In: *Intercâmbios*. Informativo semestral do IDEA, n. 12, julho/99.
- NÓVOA, Antonio (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- Projeto PRÓ-LEITURA na formação do professor* – MEC, 1998.
- VIGOTSKII, Liev Semionovich. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. La Habana: Editorial Científico Técnica, 1.
- Referencial Pedagógico Curricular para a formação de professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental* – MEC, 1999.

Abstract: *This study presents the results of a theoretical/practical project developed together with first-grade teachers in both public and private schools in the state of Espírito Santo and other states in Brazil. Our thirty-year experience as university professor, pedagogue and researcher in the field of education has repeatedly shown that the conventional "syllabic" primers and similar materials used for teaching children to read and write are in urgent need of improvement, because they negatively interfere with the learning process, not only leading students to read and write more slowly but, what's worse, delaying the students' performance as critical readers and writers.*

We argue for a teaching approach based on texts that focus on problems in the fields of Social Sciences, History, Geography, Anthropology, Philosophy, Ecology, Sociology, Economy, Politics, etc. We also argue that the development of student-readers necessarily calls for teacher-readers, and that the training of such professionals should be implemented in city-and state-wide school networks that focus on interactive, collaborative study, work; and public resources managers need to consider in their municipal, state, and federal programs.

Keywords: *Social Sciences; beginnings read.*

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA – A TEORIA E A PRÁTICA DO PROFESSOR DE LEITURA

Durvali Emilio Fregonezi*

Resumo: *O professor de língua portuguesa, hoje, encontra-se diante de novos parâmetros de educação e diante de novos paradigmas de estudo de linguagem. O objetivo do trabalho é, a partir de teorias contemporâneas de leitura, confrontar as estratégias de leitura do professor e o encaminhamento de aulas de leitura, principalmente no desenvolvimento de atividades que busquem formar o aluno leitor.*

Palavras-chave: *ensino de Língua Portuguesa; novos parâmetros; teorias de leitura.*

"O homem quase sempre sabe o que faz. Mas quase nunca sabe o que o faz fazer o que faz."

Paul Valéry

Introdução

Os estudos de linguagem passam desde a segunda metade do século por uma mudança de paradigmas. Os estudos textuais e discursivos dominam a cena das pesquisas e dos trabalhos lingüísticos. É fácil perceber o domínio pleno do novo enfoque através de uma simples análise das publicações e da programação

* UEL (Universidade Estadual de Londrina-PR)